UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA
Autorizada pelo Decreto Federal nº 77.496 de 27/04/76
Recredenciamento pelo Decreto nº17.228 de 25/11/2016
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COORDENAÇÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

XXV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UEFS
SEMANA NACIONAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA - 2021

O PAPEL DO BRINCAR CRIATIVO NA CONSTRUÇÃO DE UMA EDUCAÇÃO INFANTIL VOLTADA PARA OS DIREITOS HUMANOS EM CONTEXTO QUILOMBOLA

Joana Carla de Jesus Assis[1]; Carlos César Barros[2]
1. Bolsista PIBIC/CNPq, Graduanda em Psicologia, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: joannaassis2014@gmail.com
2. Carlos César Barros, Departamento de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: carlosbarros@uefs.br

PALAVRAS-CHAVE: brincar; criança; quilombo.

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa de iniciação científica foi elaborada tendo como base o projeto de pesquisa "Educação para os direitos humanos: eticidade e ação criativa nos diferentes contextos do brincar", que funciona sob a tutoria do Prof. Dr. Carlos César Barros. Como objetivo principal, elencamos pensar como as considerações do psicanalista inglês Donald Winnicott (1896-1971) e do filósofo frankfurtiano Walter Benjamin (1892-1940) sobre o brincar criativo, os brinquedos e as brincadeiras aparecem na vivência de crianças em contextos quilombolas. E a partir disso, pensar de que modo tais construções nos auxiliam a refletir a necessidade de um modelo de educação pautado em valores emancipadores.

Para tal, realizamos um aprofundamento na bibliografia dos autores principais, focando nos aspectos das teorias que definimos como mais relevantes a pesquisa, sendo estes: O brincar, formado inicialmente na relação mãe/bebê descrita na teoria das relações objetais winnicottiana, e de que forma essa relação afetiva inicial determina o modo como nos colocamos à frente dos processos de luta social por reconhecimento (HONNETH, 2003). Nos debruçamos também sobre a perspectiva benjaminiana, através da qual os brinquedos e brincadeiras podem ser vistos como uma linguagem que as crianças utilizam para nos comunicar suas formulações muitíssimo relevantes a respeito do mundo.

MATERIAL E MÉTODOS OU METODOLOGIA (ou equivalente)

A pesquisa aqui em questão pode ser categorizada como bibliográfica. Os métodos que foram utilizados para entregá-la mais coesa e aprofundada foram os de Marconi e Lakatos (2006) e de Antônio Carlos Gil (2002). O primeiro trabalha com etapas de identificação da bibliografia principal através de catálogos de editoras, bibliotecas ou periódicos da internet, seguida de compilação e fichamento para análise e trabalho dos dados encontrados. Etapas que foram realizadas juntamente com o método de leitura interpretativa elaborado por Gil (2002).

Optou-se pela definição de obras principais, dos autores mais utilizados no desenvolvimento do plano (O Brincar e a Realidade (1975) de D. Winnicott e Reflexões sobre a Criança, o Brinquedo e a Educação (2009) de W. Benjamin). Tal decisão foi fundamental no desenvolvimento da pesquisa porque possibilitou uma melhor compreensão da literatura secundária a respeito dos autores e de seus conceitos em outras leituras. Algumas das ideias de Axel Honneth a respeito do reconhecimento, em diálogo com Winnicott, tornaram Luta por Reconhecimento (2003) outra obra principal no curso da pesquisa.

Um calendário de reuniões virtuais foi utilizado para substituir as reuniões presenciais que não puderam ocorrer por conta da pandemia, e para manter as conversações a respeito da pesquisa de modo que respeitasse as normas de afastamento. O grupo de estudos do projeto de pesquisa, inicialmente elencado como um reforço às discussões elaboradas no plano, oportunizou debates que foram cruciais para o desenvolvimento da pesquisa.

RESULTADOS E/OU DISCUSSÃO (ou Análise e discussão dos resultados)

A tese de doutorado de Elaine de Paula, intitulada "Entre o Quilombo e a Educação Infantil: capturando expressões, experiências e conflitos de crianças quilombolas no entremeio desses contextos", nos auxiliou a acessar a experiência das crianças quilombolas no contexto escolar, visto que a pandemia nos impossibilitou de realizar a parte empírica da pesquisa. Nos primeiros capítulos, De Paula (2014) já aponta os pilares da Sociologia da Infância como norteadores de sua pesquisa. Numa leitura que se aproxima da feita por Benjamin (2009), ela engata uma discussão que entende o papel das crianças como atores sociais, e figuras relevantes para o meio social que integram.

Tanto Benjamin (2009) quanto de De Paula (2014) partilham a compreensão de que as crianças têm a potencialidade de construir um tipo de conhecimento que

independe dos adultos. Nesse processo, reconhecem que o papel que tem tido o adultocentrismo, mediado por uma pedagogia colonial, é o de impor limitações, supor que as crianças não se interessam pelos dados da realidade, ou melhor, que não são capazes de apreendê-los. No entanto, é aos dados da realidade que se refere Benjamin (2009) quando fala de detritos que a criança carrega para sua esfera do brincar. Essa zona de experiência que lhes oferece a possibilidade de testar certos aspectos da cultura adulta, significamos a seu modo, de forma que se torne mais simples lidar com as demandas colocadas pelo mundo real.

A respeito do cotidiano das crianças dos quilombos em que a pesquisa foi realizada, De Paula (2014) conta como era raro vê-las dentro das casas, e muito mais comum que estivessem sempre em todos os lugares: brincando com outras crianças ou envolvidas em quaisquer atividades que os adultos estivessem realizando. A conclusão a essa observação é que essas crianças possuíam autonomia, ainda que relativa.

Não havia uma limitação aparente imposta pelos adultos indicando quais os espaços onde elas podiam estar, ou nenhum indicativo de que o lugar dessas crianças era apenas junto de outras crianças. Essa autonomia sobre o espaço em que viviam fazia com que o brincar aparecesse ali, também, como forma de territorializar o ambiente, de construir identificações com ele. E elaborar, através da simbolização que é própria das brincadeiras, sua própria cultura infantil quilombola.

Outro aspecto importante que a autora passou a notar na relação das crianças quilombolas com o ambiente escolar, foi o modo como elas reagiam às críticas das crianças não negras. Quando provocadas a respeito da cor de sua pele, quando outros colegas faziam piadas numa tentativa de constrangê-las em relação a isso, ou mesmo quando se recusavam a brincar com elas, as crianças não pareciam perturbadas ou dispostas a aceitar as ofensas passivamente. Em algumas das vezes elas tinham posturas reativas, que envolviam afirmar que eram sim, negras! Outras respostas envolviam explicar aos colegas porque suas piadas não faziam sentido.

O que parece acontecer com as crianças nas comunidades quilombolas em que De Paula (2014) realizou sua pesquisa de campo, é uma extensão do amor materno descrito por Winnicott (1975), um amor que oferece suporte, segurança e estima para essas crianças em outros ambientes. Mas agora, aparece ali sendo exercido por toda uma comunidade. Porque na medida em que todo o quilombo reconhece as crianças como parte fundamental daquele lugar, e lhes oferece a autonomia para modificá-lo através de suas brincadeiras, de seus brinquedos, ou mesmo das trocas com os adultos que vivem

ali, trabalham nos pequenos um reconhecimento de quem eles são. De forma que não pareça complicado partilhar esse conhecimento com seus colegas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS (ou Conclusão)

Os ambientes institucionais de educação precisam pensar de que modo podem oferecer às crianças a autonomia e o reconhecimento que experimentam aquelas que vivem nas comunidades quilombolas de Morro do Fortunato e Aldeia. É preciso enfraquecer as linhas que separam a comunidade e o ambiente escolar, e assumir outra posição frente ao debate sobre quem deve ser responsável pela educação das crianças. Tornar esse debate algo que integre e fortaleça essas relações, e não fique encerrado em pedagogias que pensam todas as crianças como uma só. A escola ganharia uma forte aliada, bem como a oportunidade de promover um leque muito maior de debates, o que não é garantido pela simples coexistência da diversidade.

E embora a desconstrução dos debates entre escola e comunidade possam parecer o suficiente, nada disso pode ser eficaz se a forma como as relações entre adultos e crianças ocorrem não for também desconstruída. Ao compreender e abraçar o fato de que as crianças compõem efetivamente a construção da sociedade, contribuindo para a formação de valores e para a educação, seremos capazes de ver no mundo possibilidades que a perda da nossa sensibilidade não nos permite mais ver. E ainda que essa perspectiva benjaminiana sobre a vida adulta pareça pessimista, olhar para as crianças é a oportunidade de relembrar que " brincar significa sempre libertação" (BENJAMIN, 2009, p. 85).

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. **Reflexões sobre a Criança, o Brinquedo e a Educação**. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2009. Tradução, apresentação e notas: Marcus Vinicius Mazzari.

GIL, Antônio Carlos. Como Elaborar Projetos de Pesquisa. 4. ed. São Paulo: Editora Atlas, 2002.

HONNETH, A. **Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais**. São Paulo: Editora 34, 2003.

MARCONI, M.A.; LAKATOS, E.M. Metodologia do trabalho científico: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto, relatório, publicações e trabalhos científicos. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

DE PAULA, Elaine. **“VEM BRINCAR NA RUA!”**: Entre o quilombo e a educação infantil: capturando expressões, experiências e conflitos de crianças quilombolas no entremeio desses contextos. 2014. 355 f. Tese (Doutorado) - Curso de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

WINNICOTT, D.W. O brincar e a realidade. Rio de Janeiro: Imago, 1975.